

Que importância atribui à Escola de Teatro do Conservatório?



Eunice Muñoz:

Fundamental na formação de actores

PENSO que uma escola de teatro é fundamental. Os três anos de curso não me pesaram, muito pelo contrário.

Tive com mestres grandes actores como Maria Matos, Alves da Cunha, Assis Pacheco e Samuel Diniz.

Tive o privilégio de representar com alguns deles, quando ainda era aluna. O facto de conviver com eles, de os observar, de os ver representar, tão perto de mim, decidiu o meu futuro de actriz. Estreiei-me com 13 anos no D. Maria.

pela mão de Amélia Rey Colaço, que muitos ensinamentos importantes me deu, do que estou eternamente grata.

Não esqueço mais a emoção e timidez, quando estava perto de grandes artistas. Entrei, portanto, para o Conservatório com 14 anos e terminei o curso com 17. Sinto que valeu a pena, e que o Conservatório, apesar de todos os ataques de que é alvo, umas vezes justamente, outras não, deve continuar a existir para a formação dos nossos futuros actores.



A Escola de Teatro do Conservatório Nacional de Lisboa é uma das mais antigas da Europa. Foi há 150 anos que Almeida Garrett impulsionou a sua criação, vindo nela um instrumento fundamental para a regeneração do teatro. Na altura em que aquela instituição celebra o aniversário, o DN perguntou a alguns actores que importância atribuem à Escola de Teatro do Conservatório? Responderam Eunice Muñoz, Maria do Céu Guerra, Catarina Avelar, Carmen Dolores, Henriqueta Maia, Rui de Carvalho e Carlos Paulo

Carlos Paulo:



Aguma coisa não funciona...

SOU DAQUELES actores que chegam ao teatro sem passar pela escola de Rui dos Ceetanos. Tenho, no entanto, acompanhado com natural interesse o percurso de muitos companheiros que, nos últimos vinte anos, por aí têm passado, na tentativa de um «primeiro e oficioso romance» com esta forma de estar na vida: o teatro. Recordo, por me parecer de um espírito de rara lucidez, a tão importante atitude de Almeida Garrett, há 150 anos, ao criar uma escola de artes, que servisse o já então existente Teatro Nacional. Era o pôr em prática a hiper demonstrada relação dos vascos comunicantes: alimentar a instituição com o imprescindível e salutar «sangue novo» que lhe dariam continuidade e permitissem a renovação.

Nestes últimos 20 anos, parece-me que, na grande maioria das vezes, esse «ovo de Colombo» tem sido esquecido, e, nalguns casos, mesmo, ostensivamente desprezado. Recordo, também, o período vivíssimo de mudança que a escola demonstrou, quando da reforma Veiga Simão/Madalenia Perdigão, no início dos anos 70, com a entrada de novos professores e mentalidades, sob a orientação de Mário Barradas, o que viria a permitir, no final do curso, o aparecimento da primeira companhia de teatro saído

directamente da escola: Os Cômicos, um ambrão que, infelizmente, só teria continuidade quase 15 anos depois com o aparecimento do Teatro do Século. Parece-me, no entanto, e porque tudo isto ainda ligado que, ultimamente, a preocupação maior é a manutenção do estatuto de escola superior do que a criação de estruturas que permitam, a «escola do criador», que aposte no homem do teatro português de amanhã.

Os mestres estão lá e recomendam-se, nalguns casos, os resultados ainda não chegaram cá, como seria desejável exigir. Afinal, é por que alguma coisa se passa que não funciona, não resulta. A mais notória, no entanto, é perceber que a maior percentagem de alunos que de lá saem «bacharelados» não é, salvo raras excepções, elemento de real transformação no panorama do teatro português actual.

Mal-amados durante o curso, são, depois, pior tratados após ele (veja-se o caso exemplar do Teatro do Século). Será a velha fórmula dos quadros burocráticos que não comportam a irreverência dos criativos? Ou será, afinal, o velho estigma das escolas de arte — o lugar para onde vão os que não arranjam melhor sorte?

Catarina Avelar:



Talento precisa de técnica

SEMPRE achei que o actor não devia ser só uma pessoa dotada de um dom especial, a que podemos chamar talento, mas que deveria ter, a par disso, uma técnica a uma cultura que só a escola pode dar. Acabamento, com a abertura das fronteiras culturais, sou e univer-

sidade da informação e da comunicação, o actor já não pode dimensionar-se apenas com talento e dedicação; necessita de mais formação intelectual e de uma preparação física e específica absolutamente indispensável num curso de teatro no Conservatório Nacional.

Carmen Dolores:



Tive de superar a falta de ensino

EM TODAS as artes, a escola é fundamental. Em relação ao teatro, um conservatório actuante, bem estruturado e moderno, é indispensável para a formação do actor. O que não invalida o interesse que possa haver na instalação de outros departamentos de ensino dedicados ao teatro, como acontece noutros países onde a cultura tem um papel preponderante.

Isto não significa que não se possa ser actor sem se ter frequentado inicialmente qualquer escola... Como, aliás, aconteceu a mim e a tantos outros colegas. Vim da rádio e do cinema. A única coisa que conhecia do teatro eram as peças

com grandes actores, que via nos nossos palcos. Tive de trabalhar e ler muitos livros sobre o teatro para superar a falta de escola.

Desde sempre ouvi dizer mal do Conservatório... Não faço ideia de justiça ou injustiça dessas afirmações. Consta-me que, nos últimos anos, tem havido um grande esforço de renovação no Conservatório. Esperamos, por conseguinte, que este se torne numa escola indispensável aos artistas, para que os jovens possam ser encaminhados com segurança na tão difícil arte de representar, que deverá sempre parecer ao espectador duma extrema facilidade.

Henriqueta Maia:



Um meio adverso

NUMA altura em que se comemoram os 150 anos do Conservatório Nacional, parece-se oportuno recordar o que o seu criador escreveu:

«O teatro é um grande meio de civilização, mas não prospera onde não a há.» Estas palavras de Garrett permanecem, infelizmente, actuais, no que se refere à situação do teatro português.

É possível o teatro prosperar nas actuais condições de autêntico estrangulamento da actividade teatral?

É possível o teatro prosperar quando o que de bom se faz mais

se fica a dever ao esforço, quantas vezes sobre-humano, dos artistas e técnicos, do que a uma política de desenvolvimento teatral?

Se nos reportarmos ao Conservatório, interrogamo-nos legitimamente se é possível formar adequadamente actores e técnicos em instalações decadentes. E que importância tem essa formação, se o futuro que aguarda os nossos trabalhadores de teatro é um quotidiano incerto e muito difícil?

Naturalmente, a importância do Conservatório é a do teatro português, num meio que lhe é crescentemente adverso.

Maria do Céu Guerra:

Representa pouco na vida teatral



LIMITO o meu depoimento ao campo do teatro. O que tenho a dizer sobre o Conservatório Nacional não é muito, porque ele também representa pouco na vida teatral. É pena que assim aconteça, porque houve uma época de grandes professores no Conservatório, que souberam inserir, verdadeiramente, a escola na vida teatral do País. Faço, evidentemente, do primeiro quartel do século.

Uma escola que não seja aberta, viva e inquietada acaba por ser uma espécie de amarga travessia para os que lá passaram e um enorme vazio para quem espera adquirir conhecimentos e gostos para integrar o mundo dos espectáculos. Tenho contactos com jovens aludidos do Conservatório e verifico que

pouco mais sabem do que os autodidactas com habilidade e engenho, que chegam às tabuas pelo seu pé.

«A prática? Claro, este é fundamental!» Interrogamo-nos e dão a resposta muitos jovens. E os professores que sabem que assim é, sobretudo durante a aprendizagem, não deveriam cortar as pernas aos que querem estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Por outras palavras, os cursos não devem ser fechados aos estudantes-trabalhadores.

Nestes tempos, às vezes parece-me que a melhor reforma do Conservatório ainda não foi a do prof. Veiga Simão. E é pena que assim seja!



Rui de Carvalho:

Devia haver mais escolas

A ESCOLA de Teatro do Conservatório é fundamental. O ideal era que existissem mais: duas ou três, por exemplo. O que seria uma forma de mostrar a vivacidade do teatro, música e bailado.

Um país que se preze deve desenvolver as coisas do espírito através das mais variadas manifestações artísticas, para que todos possamos mais facilmente encontrar o caminho da verdade.

Naturalmente, se me perguntarem se a escola do Conservatório tem defeitos, pois existam ali todas as dificuldades inerentes às instituições humanas. Mas, com os seus 150 anos, cuido que o balanço do que se fez é representativo à nossa dimensão, apesar dos altos e baixos. Eu andei lá há 40 anos e

posso, à distância, ter uma panorâmica bastante boa.

O que importa agora é dinamizar os programas de estudo de escola de forma a atrair mais jovens, que procuram o teatro, e não só, como meio de expressão. Como estabelecimento de ensino é importante, na medida em que encaminha e, consequentemente, dá conhecimentos que evitam um sem-número de percalços.

Devia ser uma escola como tu tra qualquer, de modo a evitar-se alguns preconceitos e, paralelamente, atrair a si os talentos e não estar apenas concentrada nas insuções. Há muitas crianças que nunca chegam a ser actores, apenas porque não encontraram o encaminhamento devido. Penso que esta seria a forma de honrar Almeida Garrett.